

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º à entrega	32.º Anno — XXXII Volume — N.º 1105	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	645	120	10 de Setembro de 1909	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Possesões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	645	120		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	645	120		

As provas da Escola Pratica de Infantaria, em Mafra



S. M. EL REI D. MANUEL II, NA TAPADA DE EUCALIPTOS, ASSISTINDO AOS EXERCICIOS

de paisagem, quer da campesina, como da de montanha ou de mar.

Se o português não fôsse um mystificador, como é, e se a verdadeira paisagem o seduzisse como elle pretende fazer crêr, não se daria o caso, tão frequente, de lhe ser muito mais familiar a Butte Chaumont que a Serra da Arrabida, por exemplo. Quizesse elle gozar, verdadeiramente, os bons espectaculos da natureza, e pela sua terra teria de começar, de ponta a ponta e de lado a lado, que já o resto não lhe reservaria enormes surpresas.

Portugal é, por excellencia, o paiz das excursões. Nenhuma outra terra do mundo reune, como esta, tão multiplos aspéctos, sob uma tão doce e acariciadora temperatura.

Percorra o viajante o campo da Extremadura, especialmente suave e pingue, levemente outeirado, longamente alfombrado, ora de verde, ora de louro, por ondeantes ceareas como nas Lezírias, profundamente matizado de hortas, de pomares, de vinhas e olivaeas, opulento

CHRONICA OCCIDENTAL

Quem costuma ler no *Diario de Noticias*, no *Seculo* e no *Illustrado* o noticiario das partidas e chegadas, terá visto e notado que meio Portugal se acha neste momento no estrangeiro, ou vem de lá regressando, não em viagem de estudo (o que só se dá com alguns medicos e algumas modistas), mas muito simplesmente e exclusivamente em viagem de prazer. Por mar, por terra, e dentro em pouco p'lo ar, toda essa gente fôge da sua terra em busca das sensações de paisagem mais cantadas pela Agencia Cook e pelas companhias de vapores e caminhos de ferro e, tambem dentro de pouco, pelas companhias de balões.

Ora, o que desculpa estes nossos compatriotas do seu suposto amôr pela paisagem estrangeira em desprezo da paisagem nacional é que elles partem, não com a paixão paisagista a arrebatá-los, mas com as cocegas do *boulevard* a atraí-los irresistivelmente.

Todos nós sabemos muito bem, e muitos de nós por experiencia propria o sabemos, que o português, quando sae do seu paiz para viajar, é sempre a Paris que vae dar com os ossos — ... para não dizer com a carne! E raros são aquelles que, tendo levado proposito e orçamento para longos percursos através da Europa, não passam afinal de Paris, e lá deixam tudo: as illusões, a bolsa e muitas vezes o relógio.

Ora Paris é optimo, a variados respeitois, menos a respeito



EXERCICIOS DE FOGO DEITADO
(Instantaneos Benoliel)

de produções celebres como o azeite de Santarem, os vinhos famosos de Bucelas, de Torres, de Collares, de Carcavelos, o mel, os lacticinos e as fructas proverbiaes do termo de Alcobaça e das varzeas collarejas.

Empreenda, ao entreluzo da manhã, no carro de mulas regional, a travessia das grandes florestas de azinho e de cortiça do Algarve — d'essa cortiça que é, depois da vinha, a mais intensa riqueza do paiz: um halito morno corre entre as hervas bravas dos pousios; troviscos verdes, rosmarinhaes, malmequeres, cardos heraldicos em flôr, estevas resinosas, piornos, tojos e perpetuas selvagens derramam na selva um cheiro de tabernaculo. E em toda a volta, a distancias sem fim, paisagens d'uma orgulhosa majestade, efeitos de claro-escuro indizivelmente selvaticos e tragicos!

Embarque em bote veleiro e deixe-se levar por elle, resvalando sereno sobre a lisa superficie do mar inerte, ao longo d'essa costa indescritivel do Algabe. . . Por cima dos alcantis cinge-se o céu de faixas de oiro claro, golpeadas a carmim, e o mar dilata-se infinitamente sob a luz do sol, jorrando o fogo da alvorada, como se por detrás do céu tudo fosse metal fundido. A agua por onde o barco voga, ora é prata lactescente, ora, imbebida de violeta, rola nas restingas espumas de arco-iris. Da costa fragosa irrompem rochedos amontoados abruptamente, dando perfis tumultuosos e asperos, com luzernas de céu e mar a resplandecer pelos vãos dos penedos sobrepostos. Uns abrem-se em arcos franjados d'algas verdes ou aguçam-se em pontas carcomidas: outros erguem-se da agua transparente com a solidez e o arrojo de torres fortificadas. . .

Galgue pelas serras com que a divina natureza tão ricamente dotou este trecho da terra bem-amado. Atravessa a Beira Alta, interne-se pela Beira Baixa e avance para Traz-os-Montes. A grandeza eguala a graça. Para os valles, poderosamente cavados, descem bandos de arvoredos, tão copados e redondos, d'um verde eternamente moço, que é como um musgo macio onde apece cair e rolar. Dos pendores, sobranceiros ao carreiro fragoso, vastas ramarias estendem o seu toldo amavel, a que o esvoaçar leve dos passaros sacode a fragancia. Através dos muros seculares, que sustém as terras liados pelas heras, rompem grossas raizes colleantes, a que outra hera se enrosca. Em todo o torrão, de cada fenda, brotam flôres silvestres. Brancas rochas, pelas encoastas, alastram a solida nudez polida pelo vento e pelo sol; outras, vestidas de lichen e de silvados floridos, avançam como prôas de galeras enfeitadas. . .

Por toda a parte a agua sussurrante, a agua fecundante. Espertos regatinhos fogem, rindo com os seixos; grossos ribeiros açodados saltam com fragor de pedra em pedra; fios direitos e luzidios como cordas de prata vibram e faiscam das alturas dos barrancos; e muita fonte, posta á beira de veredas, jorra por sua bica, beneficentemente, á espera dos caminhanes e dos gados.

Caminhe para o Douro e o Minho, transitando a pé pelas estradas, através das suas povoações risonhas, passando as suas muitas pontes, abeirando-se dos seus casaes, seguindo as margens do rio limpo onde se vêem trepidar e reluzir as trutas. Encha os pulmões de ar e embeba os olhos na frescura de toda essa região ridente e amavel, privilegiada das eglogas e das pastoraes, vibrantemente viva e alegre, luminosa e cantante.

Espreite, se poder, ocasião das colheitas, quando as ceifeiras, de mangas arregaçadas, atravessam os campos, carregadas de feixes de canas maduras: e ao longo das planícies, ou por trás dos outeiros, nos pontos onde alvejam casas ou muros de quintas, se ouve a cantiga das esfolhadas. Veja como o aspecto do campo virente, inundado de luz, tem o quer que seja de apothose bucolica, de idilio rural, por entre cujas estrofes o rio alastra mansamente a pacificação da agua. . .

E o excursionista, mesmo que tenha visto outros paizes, e por muito que d'elles tenha visto, e andado por outras terras, confessará que nunca podera ver, sentir, admirar e gosar tanto, como tudo quanto lhe proporciona, num curto espaço de tempo, e numa tão completa série de faeces excursões, o surpreendente percurso de toda esta doce terra de Portugal. . .

JOÃO PRUDENCIO.

Provas da Escola Pratica de Infantaria

Como nos mais annos realisaram-se, nos dias 25 e 26 de agosto, as provas annuaes na Escola Pratica de Infantaria, em Mafra, ás quaes foi assistir Sua Magestade El-Rei D. Manuel II, que

para esse fim sabiu de Lisboa no dia 25 de manhã, acompanhado pelo sr. ministro da guerra general Elvas Carneira, e dignitários de serviço.

Aguardavam em Mafra a chegada de El-Rei os srs. general Silva Monteiro, inspector da arma de infantaria, comandante da Escola, todos os officiaes e aspirantes, dr. Eduardo Burnay, deputado pelo circulo, administrador do concelho, presidente da Camara, juiz de direito e delegado, prior, seminaristas, funcionarios publicos do distrito, e grande concurso de povo com a Real Fanfarrá D. Carlos I e a banda do corpo de infantaria 7.

Ao chegar Sua Magestade romperam os vivas e aclamações de toda a população, e muitas senhoras e meninas saudaram El-Rei, lançando-lhe flôres na passagem.

Assim entrou El-Rei no sumptuoso edificio de Mafra, dirigindo-se para a sala elítica, onde recebeu os cumprimentos.

Terminada a recepção, seguiu em automovel para a Mata dos Eucaliptus, e ali assistiu ás provas de tática, exercicios de tática abstracta e de flexibilidade, pela companhia normal do comando do sr. capitão Antonio de Abreu, o qual foi muito elogiado pelo bom resultado d'estes exercicios.

El-Rei, passou em seguida a vêr os trabalhos de fortificação, assistindo tambem a um *match* de *foot-ball* por dois grupos de soldados, o que constituiu uma béla diversão.

A noite houve jantar real oferecido por Sua Magestade, e sarau pela tuna composta de officiaes e aspirantes, no salão de honra da Escola, e a que concorreram muitas e gentis senhoras que fizeram ao joveen monarca uma carinhosa manifestação.

No dia seguinte, El-Rei assistiu ao concurso de esgrima de aspirantes, na sala elítica, que se realisou de manhã, havendo depois exercicios de gymnastica na parada do quartel.

Sua Magestade visitou o hospital da Escola, percorrendo todas as dependencias, encontrando tudo na melhor ordem e asseio, pelo que elogiou o diretor sr. dr. Nazareth Barbosa.

A convite de El-Rei, foram de tarde ao paço os officiaes assistir a um concerto, em que Sua Magestade tocou piano, o sr. D. Thomaz de Mello Breyner, violoncello e o sr. Guerreiro, violino, passando-se assim algumas horas agradavelmente.

As 7 horas e meia houve o jantar oferecido a Sua Magestade pela officialidade da Escola.

El-Rei retirou de Mafra no dia 27, agradavelmente impressionado pelos bélos exercicios a que assistiu e pela festiva recepção que ali teve.



Memorias de um caçador

Excertos

Os arredores de Lisboa eram então mais alegres, mais abertos de campo, do que são hoje. Nós, os caçadores iamos para ali, e por ali, passear, e fazer umas amostras de caçada, porque não era raro encontrarmos interessantes e gordas codornizes, e ariscas gallinholas. E' para admirar, dirá o meu leitor, mas, eu que as vi, e que lhes atirei, não admiro, recordo com saudade.

Um dia que eu tinha ido passear com os meus quatro perdigueiros, *pointers* inglezes da formosa raça do Marquez da Praia, importada por elle para a Ilha de S. Miguel, e mais adeante onde havia um cabouco e umas narcejas, o que tudo me deu um ar alegre de andar percorrendo a nossa lezíria, levava por unica arma a minha bengala de cana da India e então, obedecendo ao habito, não pude resistir, e apontei innocentemente ás codornizes. Seria comico, embora natural, se alguém me surpreendesse, mas lançando rapidamente os olhos no campo em volta, não vi felizmente ninguem: era deserto.

Tempos depois, andando ali a passear, encontrei um caçador, alto, forte e de boa physionomia, com quem travei conversação, visto ser como eu tambem da grande Confraria e não nos conheciamos e, quando eu lhe declarei o meu nome, elle fez como um gesto recuando, como se aquelle nome lhe fosse já conhecido, e o impressionasse.

Escusado é dizer que aquella impressão me foi mais agradável, do que, por exemplo, o cumprimento d'um ministro.

Manhãs frescas de setembro
Quando o orvalho está a cahir,
Frescas manhãs de setembro
Quem n'as pudera dormir!

Um formoso dia dos fins da primavera, rompia o sol por entre as nuvens, que já deixavam entrever um formoso dia, eu resolvêr ir dar o meu costumado passeio matinal, e n'aquelle dia escolhi um ponto que nunca tinha visitado: era o Casal dos Ossos — conhecido e velho moinho deshabitado, e cujo nome indicava os serviços que agora prestava, não á agricultura, mas á industria. Tinha elle os seus guardas, sendo um d'elles um formidavel *buldog* de raça cruzada, d'uns grandes animaes que nos vêm de Hamburgo, raiados peraltos, curtos de cauda e de orelhas, emfim, uns cães cujo aspecto impõe desde logo o maior respeito.

Eu não esperava tal encontro, nem elle contava de certo com tal visita: olhamo-nos pois fixamente como querendo reconhecer-mo-nos um ao outro. Era evidente que nunca nos tinhamos visto: eu nunca nos meus passeios matinaes visitára aquelle ermo do Casal dos Ossos; desconhecia-o pois, e quiz a minha má sorte, n'aquelle dia, que lá tivesse aquelle mau encontro.

Fitamo-nos pois por alguns minutos, elle parado firme e ameaçador, encorando os meus quatro perdigueiros, que já aterçados por mim rapidamente, tinham passado para a minha rectaguarda. Levava eu n'aquelle dia a minha bengala de cana da India, arma de estoque d'uma apparencia elegante, mas segura — de fabrica allemã e ainda me lembro, comprada n'um lojista que tinha um defeito n'um olho, ao Pote das Almas, e foi depois minha companheira de excursões venatorias durante muitos annos.

Encaramo-nos pois, e eu, para marcar bem a minha posição, dei dois passos á frente com o estoque já desembainhado. O novo aspecto da minha bengala de certo que impressionou o feroz animal, que se quedou firme, até que evidentemente mudou de tenção e principiou a ladear, com a intenção visivel de se atirar aos perdigueiros. Fui eu desandando, mantendo a minha posição em frente d'elle. Procurou elle novamente lançar-se a elles, mas a minha paciencia, e o meu respeito pelos *bull-terriers* já tinha tambem acabado e principiei a chicoteal-o, a golpes cruzados, como faria a um rafeiro ordinario. A esta aggressão de forma por elle inesperada, elle deu por tindo o duello e bateu em retirada.

Era já tempo, porque d'ahi a minutos apparecia o guarda do moinho, que felizmente já não poudesse assistir ao nosso duello.

E assim terminou a minha visita ao Casal dos Ossos, que aqui deixo narrada, e que foi um dos mais serios momentos da minha vida de caçador. Acabou assim, mas se entrasse em scena o guarda do moinho, como acabaria ella?

ZACHARIAS D'ÁÇA.

N. da R. — Conservava-mos ha tempos este original como uma recordação de Zacharias d'Áça, que nol-o ofereceu, e que faz parte das suas memorias, que estamos certos será lido com agrado.



As provas da Escola Pratica de Cavalaria

S. M. El-Rei D. Manuel II em Torres Novas

Para assistir ás provas finaes da Escola Pratica de Cavalaria, visitou Sua Magestade El-Rei D. Manuel II a nobre e antiquissima vila de Torres Novas, onde se demorou dos dias 21 a 23 de agosto.

A antiquissima vila cuja origem alguns autores attribuem aos gregos de que conserva, pelo menos, vestigios no nome do rio Almonda, corrupção de Monda ou Munda daquelles povos, bem como em suas muralhas, tantas vezes destruidas quantas reedificadas, a ultima vez pelo infante D. Affonso, filho do rei D. Sancho I, não conserva memoria de festa mais ruidosa e brilhante do que aquella agora ali realisada, para receber dentro dos seus vetustos muros a El-Rei D. Manuel II, que pela primeira vez a visitava.

Todos são unanimes em dizer que não ha memoria de outra festa assim, na laboriosa vila, tão importante por sua industria como por sua historia, berço de illustres varões e donas, nas ciencias e nas letras, como o foram o dr. Manuel de Figueiredo, dr. Padre Antonio Pimenta, D. Luiza Sigea de Vellasco e sua irmã Angela, etc.

E' que ás beléssas natureas daquela povoação, que se estende por uma planicie encantadora, onde corre o Almonda fertilizando seus campos e

avigorando seus arvoredos, juntavam-se as decorações que embelesavam as ruas e praças, e a alegria de toda a população, que sincera e entusiasticamente recebia o monarca português com as mais vivas demonstrações de carinho e simpatia.

Logo na estação do Entroncamento, ainda distante de Torres Novas uns 7 kilometros, onde El Rei chegou com sua comitiva e o sr. ministro da guerra general Elvas Cardeira, houve entusiastica recepção das pessoas que ali o foram esperar, srs. governador civil do districto, dr. Joaquim Martins, comandantes da Escola Pratica de Cavalaria e mais officiaes, delegado, sr. dr. Valle e Sousa, escrivães de direito, administrador do concelho sr. dr. Gorjão e mais autoridades administrativas, presidente da Camara e vereadores, comissão dos festejos, priores e grande quantidade de povo das cercanias, dos concelhos de Thomar, Abrantes, Villa Nova de Ourem, Ferreira do Zezere e Barquinha, todos em calorosas aclamações saudando Sua Magestade.

Nos cumprimentos que ali houve adeantou-se a menina Maria Celeste, de quatro annos, filha do sr. dr. delegado Valle e Sousa, a qual entregou a El-Rei um lindo ramo de flores naturaes com fitas de seda azul e branco e a seguinte dedicatória a letras de ouro: *A Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Manuel II, que visitou, como infante, o Sabugal em 8-VIII-906, saudação affectuosissima de Maria Celeste Valle e Sousa, natural do Sabugal. — Torres Novas, 21-VIII-909.*

Esta dedicatória relaciona-se com a visita que ha tres annos o Senhor D. Manuel, com seu irmão o principe D. Luiz Filipe, fez ao Sabugal acompanhado pelo sr. dr. Valle e Sousa que então pediu a Sua Alteza a sua valiosa cooperação para que o celebre castelo daquella vila fosse considerado como monumento nacional. (1)

Do Entroncamento partiu Sua Magestade em automovel para Torres Novas, acompanhado por grande numero de pessoas que o tinham vindo receber, seguindo em cerca de sessenta trens.

A entrada deste grande cortejo na vila, subiram ao ar girandolas de foguetes e as bandas de musica tocaram o hino nacional, que se confundia entre as ruidosas aclamações de milhares de bôcas saudando El Rei D. Manuel II. Com bastante dificuldade o automovel real e os trens que o seguiam, logravam romper por entre a multidão que enchia completamente as praças e ruas da vila por onde passava o cortejo; das janellas literalmente ocupadas por senhoras, choviam flores que estas lançavam sobre o automovel em que ia El-Rei, ao mesmo tempo que lhe acenavam com lenços e lhe davam palmas, tudo em grande entusiasmo, e assim foi por todo o caminho até á Escola Pratica de Cavalaria, como em marcha triunfal, pelas praças e ruas afestoadas de flores e bandeiras em grandes mastros, ostentando as janellas das casas, ricas colchas de seda debruçadas dos peitoris, repletos de senhoras que, com sua gentileza e vistosas *toilettes*, formavam encantadores quadros de vivo colorido e animada alegria.

Na Escola Pratica de Cavalaria deu El-Rei recepção ao presidente da Camara, sr. Olympio José Monteiro, acompanhado dos vereadores, o qual apresentou as boas vindas a Sua Magestade e convidou-o a visitar os paços do concelho; delegado sr. dr. Valle e Sousa que apresentou as suas homenagens e a de todos os membros do corpo judicial que o acompanhavam; a comissão executiva dos festejos, representantes das camaras municipaes do districto e muitas outras pessoas gradadas da localidade.

El-Rei, depois de almoçar, assistiu á primeira parte das provas finais da Escola Pratica de Cavalaria, executadas sob a direção do alferes sr. Lourenço Casal Ribeiro, sendo essas provas de saltos e alta escola, realisadas no picadeiro, onde havia uma tribuna para El-Rei e aos lados desta, outras que se encheram de senhoras. Os exercicios foram muito aplaudidos assim como o monarca muito vitoriado por toda a assistencia.

Aos fins da tarde realisaram-se outras provas de hipismo na Atalaia, a que El-Rei foi assistir, e constavam de corridas num percurso de obstaculos, em que tomaram parte os officiaes inscitos para o concurso de San Sebastian, em Espanha.

Da Atalaia seguiu Sua Magestade para o hipodromo, no Entroncamento, a vêr as experiencias de saltos dos cavalos adquiridos no estrangeiro pela comissão presidida pelo sr. capitão Martins de Lima, um dos heroes do Cuamato que se dis-

tinguiu naquella guerra com o seu esquadrão, cujos cavalos fôra comprar em Buenos Ayres.

A noite o aspêto de Torres Novas não era menos surpreendente que durante o dia; a mesma animação de povo nas praças e ruas que se viam agora iluminadas com balões venezianos e á moda do Minho, produzindo um brilhante efeito, especialmente a praça D. Manuel II, antiga praça dos Paços do Concelho, largo Pimentel Pinto e rua Direita. Pelas 9 horas organisou-se uma marcha *aux flambeaux* em que tomaram parte pessoas de distincção da vila e de fôra, assim como muito povo que espontanea e entusiasticamente se associou a esta diversão, que percorreu as principaes ruas dirigindo-se ao som das musicas, á Escola Pratica de Cavalaria, a cumprimentar El-Rei, o qual veio agradecer á janella a ruidosa manifestação que lhe era feita pelo povo torrejano.

No domingo, 22, depois de Sua Magestade ouvir missa na igreja do Carmo, acto a que assistiu a comitiva real, autoridades locais, mesarios e mais irmãos da irmandade, e muitas outras pessoas de distincção, dirigiu-se aos Paços do Concelho, onde a visita real era aguardada por toda a Camara com o seu presidente á frente, autoridades do concelho e do districto, clero e grande numero de senhoras que ocupavam boa parte da sala, lindamente ornamentada, onde El-Rei foi recebido no meio de ovações de toda a assistencia, como pelo caminho as recebera tambem do povo, que se aglomerava por todo o trajeto.

El-Rei ocupou seu logar no trono, que fôra armado na grande sala, vendo-se na frente deste um belo retrato de corpo inteiro do Senhor D. Manuel II em rica moldura dourada encimada pela corôa real.

Felicitando o monarca, leu o sr. Olympio José Monteiro, presidente do municipio, uma alocução repassada de sincera adesão monarchica e elevados sentimentos patrióticos, terminando por levantar vivas a Sua Magestade El-Rei D. Manuel II, á Patria e á monarchia, vivas que foram calorosamente correspondidos.

El-Rei agradeceu, em breves palavras comovidas, a festiva e cativante recepção que o povo de Torres Novas e seu districto lhe fazia, frisando alguns pontos da alocução que acabara de ouvir, sobre tudo o que dizia respeito á união de todos os portuguezes em volta do trono para o ajudar na grande obra do engrandecimento da patria, reconhecendo tambem os sentimentos monarchicos que animavam os torrejanos, aos quaes assegurava que: *podiam contar com o seu rei, assim como elle contava com o povo de Torres Novas.* Esta afirmação do monarca, deu mais calor ainda ás aclamações com que toda a assistencia o vitoriou em ruidosas salvas de palmas e vivas a Sua Magestade, á Rainha Senhora D. Amelia, á monarchia, á patria e ao exercito, no que mais sobressairam as senhoras com sua natural graça e gentileza.

Foram ainda muitas destas senhoras que á frente de El-Rei, seguiram no cortejo, que a pé se dirigiu dos Paços do Concelho para a Escola Pratica de Cavalaria. Esse cortejo passou nas ruas atravez da grande multidão que não cessava de aclamar o monarca, e das janellas, guarnecidas de senhoras, lançavam-lhe estas flores e mais flores atapetando-lhe o caminho e vitoriando o com salvas de palmas, num verdadeiro delirio de ovações.

El-Rei visitou o hospital em todas as suas dependencias, que encontrou na melhor ordem, digna do elogio que fez ás instalações e pessoal. Dirigindo-se ao quartel, ali assistiu aos exercicios de esgrima pelos officiaes e aspirantes, de que é instructor o sr. tenente Magalhães e que muito se distinguiram.

As tres horas e meia da tarde realisava-se o concurso hipico no hipodromo do Entroncamento, e para lá se dirigiu El-Rei e sua comitiva em automovel. O vasto campo apresentava um espetáculo dos mais animados, não só pelo grande numero de trens e cavaleiros que ali concorreram, como pelas massas de povo que se estendiam pela planicie. Foi tal o movimento de gente da localidade e de fôra em Torres Novas, que se empregaram todos os meios de transporte, chegando a oferecer-se altos preços por aluguer de um trem sem o haver.

Os palanques do hipodromo encheram-se completamente de senhoras, e na tribuna real, Sua Magestade presenciou o concurso hipico em que foram classificados os alferes srs. Garcia Carvalho e Elias Garcia. No campeonato de corridas entraram os tenentes srs. Latino, alferes João Maia, Paes do Amaral e Moura, ganhando o sr. tenente Latino.

A distribuição dos premios foi feita por Sua Magestade, que depois retirou do hipodromo no meio de repetidas ovações do povo que, no seu

entusiasmo por vêr e saudar o monarca havia invadido o recinto reservado, agrupando-se em grande massa na frente da tribuna real.

A noite repetiram-se as iluminações da vespera e El-Rei visitou, pelas 11 horas, o Club, onde foi recebido pela direção e outras pessoas da escol de Torres Novas, demorando-se cerca de uma hora a conversar e a gosar das janellas o bello efeito das iluminações.

Sua Magestade retirou para Lisboa na manhã seguinte, acompanhado até á estação do Entroncamento, por todas as autoridades da terra e outras pessoas de distincção, incluindo algumas senhoras, sendo a despedida em extremo afetuosa e mostrando-se El-Rei muito reconhecido pela festiva recepção que todo o povo de Torres Novas lhe fizera, e de que lhe ficavam as mais gratas recordações.

Das decorações com que Torres Novas engançou as suas ruas e praças para receber a visita real, dão boa ideia as gravuras que apresentamos neste numero reproduzidas de fotografias do distinto fotografo amador sr. Justino de Oliveira, que obsequiosamente nos as cedeu, por intermedio do sr. João Pessoa de Amorim. Os nossos agradecimentos.



A casa do sr. Fernando Formigal de Moraes

em Cintra

Inauguração da capela

A formosa Cintra, encanto de poetas, estancia privilegiada, cuja fama chega a todos os povos civilisados, opulenta-se constantemente, juntando ás suas belezas naturaes, aquellas que a arte lhes vae implantando em construções encantadoras pela serra ou pelos prados, por entre os gigantescos arvoredos de fresca sombra ou a erguerem-se dos tapetes de flores, perfumados das violetas, que se occultam modestas entre a folhagem alfofrada do orvalho matutino.

E assim vae crescendo em seus encantos, ora trepando pela serra, ora alongando-se para Colares, para S. Pedro, para a Estefania, fundada por uma rainha que passou na historia moderna como um anjo de bondade e de casto amor, que naquelle logar encontrou poetico asilo para seus idilios com o principe escolhido do seu coração e que ainda hoje é saudosamente lembrado por bom: D. Pedro V.

E' na Estefania, no sitio denominado a Variante, que o sr. Fernando Formigal de Moraes, com requintado bom gosto, mandou ha pouco construir uma elegante casa e junto desta uma capela, cuja inauguração teve logar no dia 15 do mez passado.

Esta construção, em estilo moderno, foi delineada pelo arquiteto sr. Parente, e assente num lindo e espaçoso parque, denominado *Amelia Moraes*, por onde surgem plantas de raro apreço e arvoredo que a breve trecho dará boas sombras, porque ali se desenvolve facilmente na frescura do solo, donde a agua borbulha aqui e acolá, como já corre de uma cascata de forma caprichosa figurando umas ruinas, que as heras revestirão pitorescamente. Todas as obras deste parque foram dirigidas por seu proprietario o sr. Fernando Formigal de Moraes, revelando o bom gosto, que alias presidiu a toda a construção.

Não quiz o sr. Fernando de Moraes inaugurar o seu novo solar sem o assinalar por benemeritos actos de caridade, seguindo a tradição de familia em que a crença de nossos maiores e o espirito caridoso são proverbiaes.

Assim, numa justa compreensão da amavel lei cristã, o acto religioso da sagração da capela, pelo sr. arcebispo de Mitilene, foi seguido da distribuição de vestuario a 250 creanças pobres, quasi todas filhas de operarios que trabalharam nas obras da sua casa, em numero de uns cem, e que tambem receberam fatos novos.

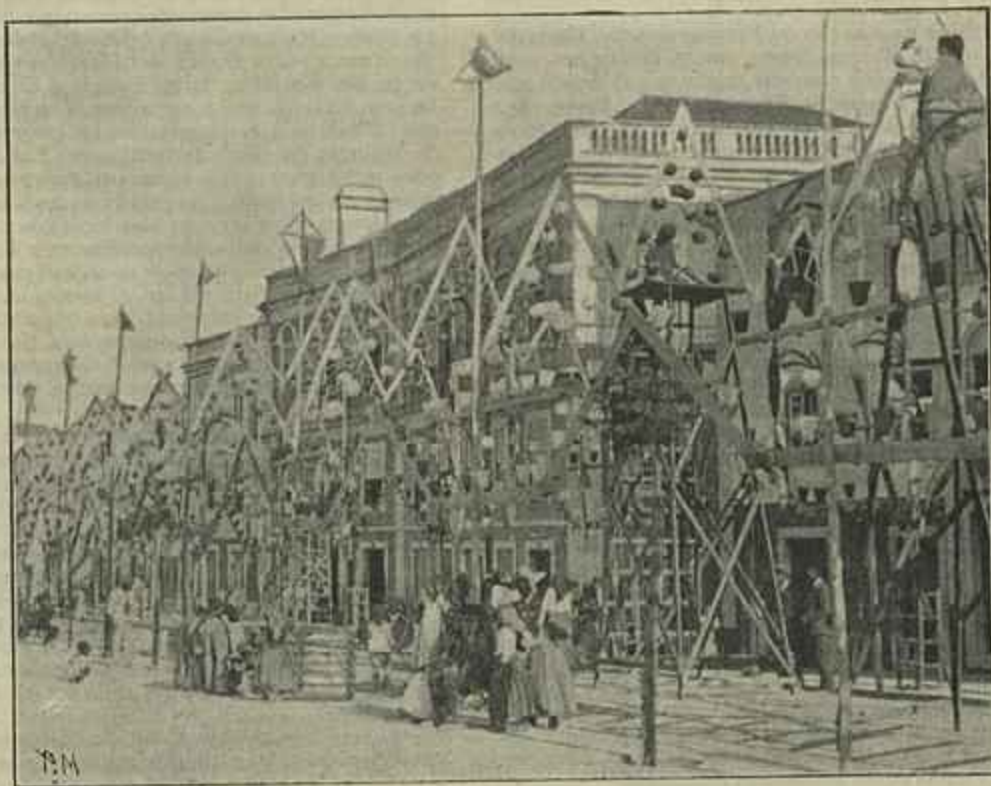
Quantas alegrias de almas e quantas benções do ceu não se espalharam sobre aquella inauguração!

O relato de uma festa assim entra nos dominios da *Chronica do Bem*, já que, infelizmente, tanto ha a registrar na *Chronica do Mal*.

A distribuição dos fatos não se poudo fazer completa naquelle dia, e por isso se concluiu no domingo seguinte, 22, em que novamente se reuniram as creanças, fotografando-se então o interessante grupo que reproduzimos em gravura, juntamente com a vista da casa, capela e parque,

(1) Vid. OCCIDENTE, IX volume, anno 1886, pag. 209, estampa e descrição deste monumento.

Sua Magestade El-Rei D. Manuel II, em Torres Novas



S. M. EL-REI D. MANUEL SAHINDO DA EGREJA DO CARMO — AS DECORAÇÕES DE TORRES NOVAS

assim como o grupo de pessoas da familia Formigal Moraes e convidados que assistiram á inauguração.

A capela é dedicada a Santa Rosa, que se vê numa artistica maquina sobre o altar, correndo á frente do arco cruzeiro uma elegante balaustrada.

Entre as belesas dos estuques e das pinturas a apreciar na nova construção, deve notar-se tambem o portão de ferro, obra de arte, executada sob o desenho do arquiteto sr. Norte Junior.

A nova construção que ora se ergue na Variante Estefania devida á iniciativa e bom gosto do sr. Fernando Formigal de Moraes, é mais uma das coisas de arte que ha hoje para vêr em Cintra.

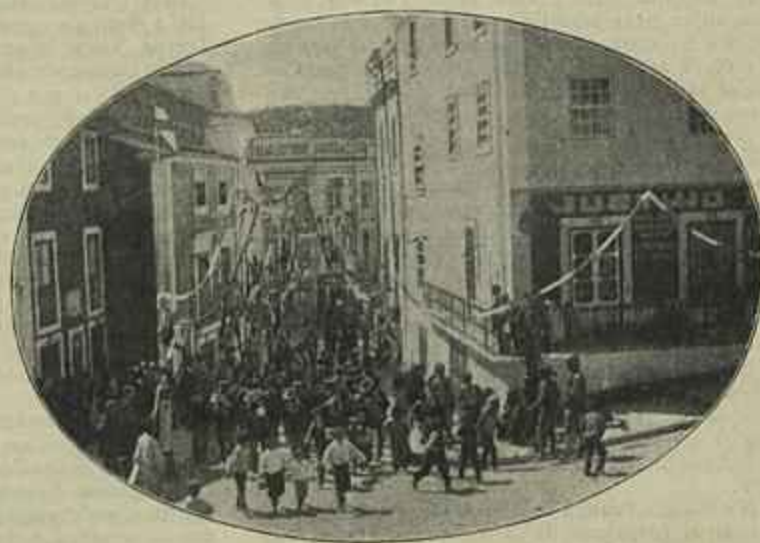


O planeta Marte

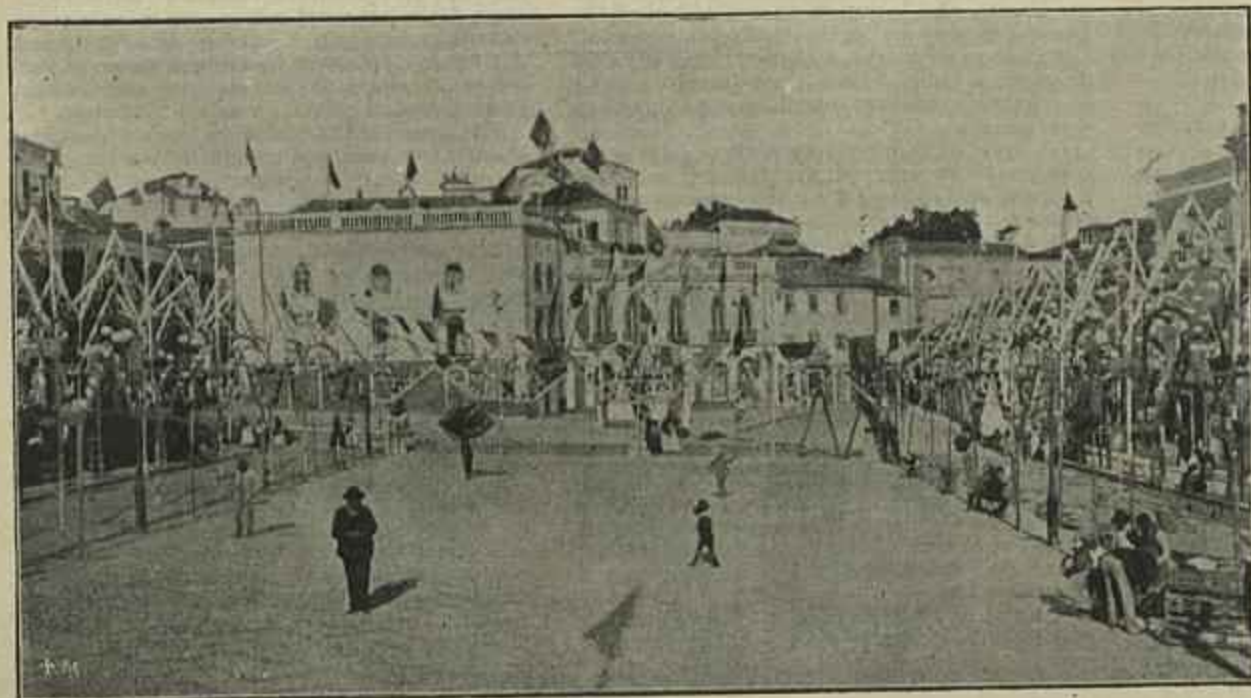
A 227 milhões de kilometros do centro do nosso planeta — o Sol — encontra-se o planeta Marte, que gira em torno do astro rei numa orbita exterior áquella que a Terra descreve annualmente.

Embora Marte seja no so visinho no dominio solar, a distancia que nos separa é tal que, á vista desarmada, elle parece-nos do tamanho d'uma estrella avermelhada. Foi por causa da sua cor ardente que os gregos deram a este planeta o nome do deus da guerra, aquelle que derrama o sangue da humanidade nas hecatombes internacionais; d'ahi todos os insultos e maldições para esse planeta completamente innocente da barbaridade humana.

Mais tarde, depois da invenção dos telescopios, a opinião modificou-se, transfor-



FILARMONICAS PERCORRENDO AS RUAS DE TORRES NOVAS

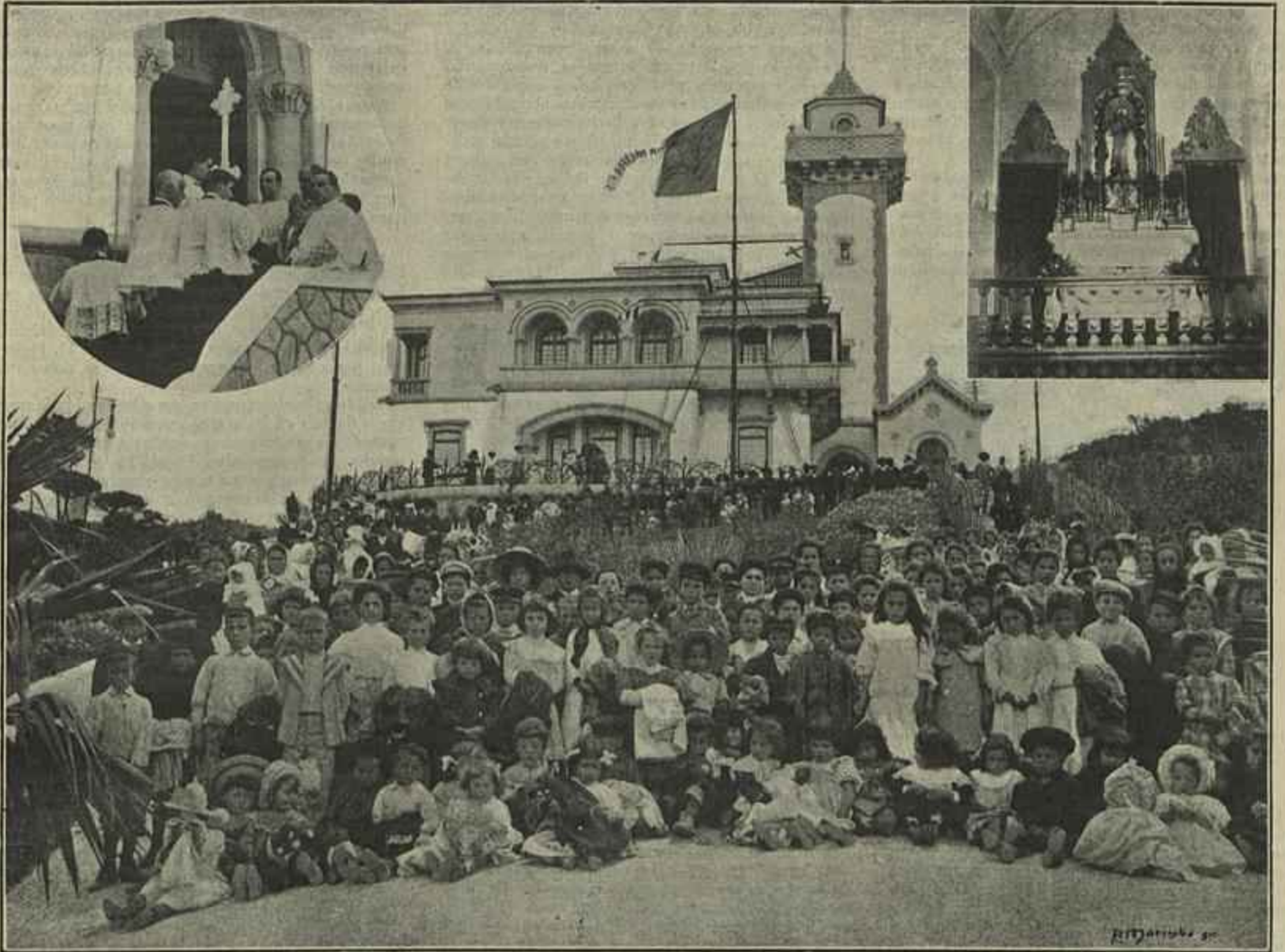
AS DECORAÇÕES NA PRAÇA D. MANUEL II
(Fotografias do sr. Justino de Oliveira)

mando-se o astro maldito n'um assumpto predilecto dos astrónomos, como vae succeder no proximo dia 18, em que Marte se encontra em condições extraordinariamente favoraveis para ser observado da Terra.

Com effeito, as melhores occasiões para o estudar apresentam-se quando elle está em opposição, isto é, quando, por effeito das suas respectivas revoluções em volta do Sol, a Terra se interpõe entre Marte e o astro centro do nosso systema, de sorte que então o Sol se acha d'um lado da Terra e Marte do lado opposto.

Estas opposições de Marte dão-se em periodos de dois annos e dois meses; mas nem todas ellas offerecem circumstancias igualmente favoraveis para o estudo d'esse astro, pois que sendo a sua orbita muito mais excentrica do que a do nosso globo, ha opposições em que Marte está muito mais perto da Terra. Essas opposições excepcionaes repetem-se todos os quinze annos, tendo sido a ultima em 13 de outubro de 1894. No proximo dia 18,

Inauguração da Casa do sr. Fernando Formigal de Moraes, na Variante Estefania



A BENÇÃO DA CAPELA — INTERIOR DA CAPELA — VISTA GERAL DA CASA E CAPELA, COM O GRUPO DE CRIANÇAS A QUEM FORAM DISTRIBUÍDOS FATOS



O PARQUE «AMELIA MORAES» — GRUPO DA FAMÍLIA FORMIGAL DE MORAES E CONVIDADOS QUE ASSISTIRAM À INAUGURAÇÃO
(De fotografias)

Marte achar-se-ha a 58 milhões de kilometros da Terra, ao passo que na opposição de 1894 estava a 64 milhões, não havendo então os potentes instrumentos de observação que hoje possuem os astrónomos.

Foi em 1894 que o professor Percival Lowell inaugurou o seu observatorio de Flagstaff, Estado de Arizona, no cumie do Pico de S. Francisco, a 2120 metros de altitude, e em condições muito especiaes de solo, clima e pureza do ar. Este observatorio tem por fim especial estudar o planeta Marte em todas as suas phases. Também o observatorio de Juvisi, do celebre astrónomo Camillo Flammarion, é especialmente consagrado ao estudo d'este planeta, em cujas observações se empregam dois auxiliares, os srs. Quéniisset e Anniadique, que, empregando instrumentos distinctos e sem comunicação, observam, desenham e tiram photographias.



FIG. 1

O planeta Marte visto ao telescópio mostrando as manchas brancas formadas pela neve dos polos

Os trabalhos realizados por Lowell desde 1894 até hoje tem ampliado d'um modo notavel os conhecimentos que a sciencia moderna possui sobre a configuração d'aquelle astro. Entre os trabalhos mais notaveis do observatorio de Lowell devem mencionar-se as photographias de Marte, obtidas ha quatro annos pelos astrónomos Lampland e Slipher, auxiliares de Lowell, e repetidas com melhor resultado em 1907. Para isso empregaram chapas muito sensiveis aos raios roxos do espectro, sendo as exposições muito numerosas e rapidas, com o fim de multiplicar as occasiões mais favoraveis para se obterem imagens nitidas. Essas provas mostram muito bem as regiões do planeta, apparecendo na maior parte d'essas photographias os signaes correspondentes aos chamados *Canaes de Marte*, cuja existencia era posta em duvida por muitos astrónomos, que attribuiram esses signaes a effectos opticos. Era a opinião de Maunder.

A impressão produzida pela luz nas chapas photographicas mostra, d'uma maneira incontestavel, que taes accidentes existem, ainda que se não conheçam a sua natureza e significação.

O que o professor Lowell parece ter demonstrado á evidencia é a presença da agua no planeta Marte, a qual se reconhece por dois modos: Em primeiro lugar, a massa accumulada alternativamente nas *calottes* polares, durante o inverno, desaparece no respectivo verão, como se essa massa se fosse derretendo desde a periphèria até ao centro. Conforme essas massas polares se vão fundindo, assim vão apparecendo rodeadas d'uma facha azulada, que rodeia a massa, á medida que ella se vai reduzindo. A luz, que esta facha azulada emite, apresenta, segundo parece, indícios de polarização.

Estas massas, accumuladas alternadamente nas regiões polares durante a estação fria, e que desaparecem na estação quente, podem ser constituídas, como succede cá na Terra, nas regiões analogas, por agua congelada sob a fórma de gelo ou neve; mas também podiam ser de acido carbonico condensado por enormes abaixamentos de temperatura.

A esta ultima hypothese oppõe-se, porém, a formação da facha azulada, a que nos referimos, e cuja luz mostra signaes de polarização, o que indica que a referida facha contém um corpo liquido, e o acido carbonico solido, ao fundir-se, passa directamente ao estado gazoso, pelo menos á pressão que deve existir na atmosphera de Marte, como acontece também á pressão normal cá na Terra.

E', portanto, muito provavel que as massas que se condensam nas *calottes* ou barretes polares de Marte, durante o inverno, sejam formadas de gelo ou neve, sendo esta, pois, uma das provas da existencia da agua naquelle planeta.

A outra prova foi dada pelo espectroscopio, empregado pelo astrónomo Slipher, que no anno passado conseguiu photographar o espectro de Marte até muito além da zona róxa, obtendo uma photographia onde se vê a facha correspondente ao vapor d'agua. Este facto, só por si, não mostra a existencia do vapor d'agua na atmosphera d'aquelle planeta, visto que a luz, que d'elle dimana, e que serviu para se obter o espectro photographico, teve que atravessar a atmosphera terrestre, em que existe vapor d'agua, de modo que a facha correspondente a este vapor, marcada nas photographias do espectro de Marte, podia ser devida unicamente ao vapor aquoso da nossa atmosphera.

Para obviar a esta duvida, photographou-se á mesma altitude o espectro da Lua, onde, como se sabe, não existe agua, de sorte que os raios solares por ella reflectidos, e que chegam aos nossos olhos, não atravessam espaço com vapor aquoso senão ao chegarem á atmosphera terrestre. Resulta d'aqui que as photographias do espectro lunar apresentarão na região róxa a facha correspondente unicamente ao vapor aquoso da nossa atmosphera. Tirando, portanto, simultaneamente, do mesmo ponto e com appparelhos eguaes, as photographias dos espectros de Marte e da Lua, e comparando essas photographias, poder-se-ha verificar se apresentam alguma differença. Reconhece-se, com effecto, que a facha correspondente ao vapor d'agua no espectro lunar é muito mais fraca do que a facha analoga do espectro de Marte, o que demonstra que os raios luminosos procedentes d'este planeta, além do effecto resultante de terem atravessado a atmosphera terrestre, como succedeu aos raios lunares, atravessaram também outra atmosphera, a do proprio Marte, em que existia também vapor d'agua, de modo que o espectro de Marte manifesta a somma dos dois effectos.

Prova da existencia da agua em Marte, resta dizer que a quantidade é muito escassa, não se provando a existencia dos chamados *mares de Marte*.

O citado professor Lowell publicou em maio de 1905 um boletim com photographias de Marte, corroborando a existencia de canaes, artificialmente feitos com o fim de distribuir pelo planeta a diminuta quantidade d'agua que lá existe.

Representam elles obras collossaes, cujo fim principal deve ser a irrigação do solo para assegurar a producção vegetal.

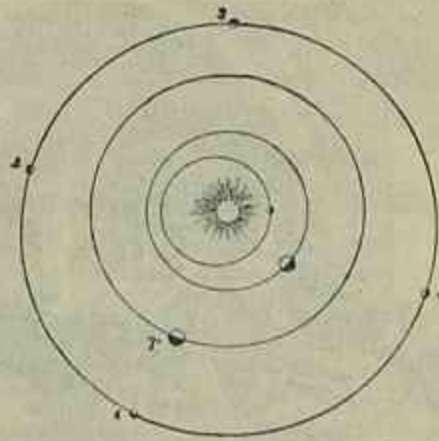


FIG. 2

Orbita do planeta Marte e suas posições em relação á Terra T (os outros dois planetas situados mais perto do Sol que a Terra, são Venus e Mercurio)

Em apoio d'esta theoria, enunciada primeiramente por Schiaparelli, director do observatorio de Milão, que em 1877 descobriu uma infinidade de linhas que se entrecruzavam, sulcando toda a superficie de Marte, linhas cujo aspecto variava conforme as estações e a que elle deu o nome de canaes, porque se apresentam effectivamente sob essa fórma; em apoio d'esta theoria, repetimos, Lowell diz ter observado que os referidos canaes têm um periodo de maxima visibilidade duas vezes no anno de Marte, que é de 686 dias, 23 horas, 30 minutos e 41 segundos terrestres.

Os canaes mais proximos do polo, onde a neve se funde, são os que apparecem primeiro mais visiveis, avançando gradualmente essa onda de visibilidade até ao equador e indo amortecendo até

ao polo opposto. Então a neve, accumulada neste, começa a fundir-se e envia outra corrente visivel em sentido opposto.

Se estas observações se confirmarem ninguem poderá negar que ellas constituem um argumento poderoso a favor da theoria de Lowell acerca da existencia de canaes artificiaes em Marte e dos seres intelligentes que os tenham construido.

Esta idéa é accete também por Flammarion e Schiaparelli, que, pittorescamente, falla no *ministerio das obras publicas da republica marciana* dando ordem para abertura de *écluses* em certa época do anno; Lowell, por seu lado, imaginou appparelhos destinados a expulsar a aguas dos polos para o equador.

«Que o planeta Marte — disse ha poucos dias Flammarion em *Le Journal* — seja actualmente habitado por uma raça intelligente, não me parece duvidoso. Já ha 40 annos o meu amigo Carlos Cros me propoz um systema de telegraphia optica que o astrónomo americano W. H. Pickering pensou pôr em pratica este anno, sob outra fórma.»

«E' bem curioso pensar que a humanidade marciana fluctua como a nossa no seio de plagas ethereas, cujas ondas podem servir de meios de comunicação. Quem sabe? Desde ha talvez mais de 100.000 annos que os nossos vizinhos tentam fazer-se entender de nós sem o conseguirem, desistindo d'esse extraordinario empreendimento por terem concluido que na Terra não ha seres intelligentes!»

Os grandes enigmas que se têm formulado sobre o planeta Marte poderão ser intensamente augmentados ou diminuidos no dia 18 d'este mês, attendendo ás condições excepcionalmente favoraveis para a sua observação e aos excellentes instrumentos com que para isso contam actualmente os astrónomos.

Na America estão-se fazendo preparativos para despertar a attenção dos hypotheticos habitantes de Marte.

O professor Pickering, estimulado pelos milionarios americanos, a quem Lowell convenceu da existencia de habitantes em Marte, e da possibilidade de se entrar em comunicação com elles, propõe-se enviar para aquella planeta poderosos feixes de luz solar por meio de um reflector collossal montado equatorialmente; e o professor Todd estará de vigia, muito attento, para receber qualquer mensagem que, por meio das ondas hertzianas, ou seja pela telegraphia sem fios, possa ser enviada á Terra pelos nossos vizinhos de Marte á distancia de 58.390.000 kilometros, distancia que corresponde á de uma ponte de 4.582 globos terrestres, com o diametro de 12.742 kilometros! Parece muito, mas não é nada em relação ao espaço infinito.

Admittido a hypothese da existencia de habitantes no planeta Marte, é contudo muito pouco plausivel que elles e nós tenhamos simultaneamente a idéa de fazer esses signaes. Além d'isso era necessario que aquelles entes possuíssem meios scientificos de observação analogos aos nossos para poderem certificar-se da nossa existencia e descortinar os signaes que pretendessemos fazer-lhes.

Apresenta-se ainda outra difficuldade: é que, quando Marte está em opposição, a Terra achase em conjunção com o Sol e, portanto, completamente invisivel para os habitantes de Marte, porque lhes offerecemos o hemispherio terrestre que fica na sombra.

Mas, áparte estas ultimas questões, que pertencem ao dominio da phantasia, ninguem pôe em duvida o grandissimo interesse que offerece o estudo das condições physicas do planeta Marte, o que justifica a attenção e o esforço dos astrónomos para decifrar os segredos patenteados ainda por esse astro, membro da mesma familia a que pertence o nosso globo, familia constituída por planetas que durante milhões de seculos têm girado, e continuarão a girar em torno do *astro rei*—O Sol, fonte da vida, da luz, do calor.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



CONTOS E DIGRESSÕES

E' este o titulo de um elegante volume artisticamente cartonado, com texto abrangendo 221 paginas, a que precede um introito suggestivo na singeleza typica.

Acha-se o referido texto distribuído por seis capítulos ou quadros, divididos alguns d'elles em diferentes partes, e o auctor, que os leitores conhecem bem, Caetano Alberto da Silva, dedica e consagra a interessante prosa de cada um a pessoas da sua amizade e da sua respeitosa consideração.

São as seguintes as suas denominações respectivas e estes os nomes a que correspondem na oferta delicada:

«Dr. Candido de Figueiredo, — *O Segredo de Clotilde*; Conde de Valençães — *Na Montanha, Recordações da Abroñeira e A minha azeitona*; Brito Aranha — *Devorado pelas feras*; A meus companheiros de viagem a Castello de Vide — *Uma visita a Castello de Vide*; Alfredo Mesquita — *Historia de umas calças*; A Sua Magestade a Rainha Senhora D. Maria Amelia de Orleans — *Uma festa agricola em Elvas*»

Romance propriamente dito, descripção fiel de paisagem, narrativa, humorismo anedoctico, historia, de tudo isto se compõe o volume *Contos e Digressões*, accrescendo ainda do que deixo exposto, valorizando-lhe mais a leitura e tornando-o mais apreciavel se é possível, a profusão de estampas que o ornamentam e ministram uma impressão de realidade objectiva a quem apenas lhe está folheando e lendo as paginas.

A natureza Alemtejana com todas as características singulares que a recommendam, as povoações de Castello de Vide, Marvão e Elvas, passam deveras por diante dos olhos do leitor que, sem sahir de casa, ficará conhecendo com inteira plenitude tanta cousa de destaque na mais vasta provincia da metropole portugueza.

Encontra-se por vezes n'este volume de Caetano Alberto judiciosas affirmações de critica aos dirigentes e de referencia politica, suscitadas no seu espirito de patriota pelos numerosos testemunhos de desleixo e de destempero que se lhe depararam nas digressões então realisadas.

Na sua ida a Castello de Vide, cujo motivo era assistir á inauguração das officinas *Branco Rodrigues*, a convite da direcção do Asylo dos Cegos d'aquella antiga localidade, foram seus companheiros de viagem o proprio Branco Rodrigues, Arnaldo da Fonseca e Antonio Ramalho, dos quaes como os leitores viram se lembrou agora por modo captivante, dedicando-lhes o capítulo *Uma visita a Castello de Vide*.

Aqui tem Caetano Alberto da Silva o meu registo sincero do incontestavel merecimento de *Contos e Digressões*, que fecham com chave de ouro, fazendo-nos o auctor assistir positivamente áquella imponente parada agricola que em 1889, pouco antes de occorrer o fallecimento de El-Rei D. Luiz, honrou a cidade de Elvas e a distincta lavoura alemtejana.

D. FRANCISCO DE NORONHA.



A casa submarina

por

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1104)

IX

Em procura do «Cruzeiro do Sul»

O vendaval continuou durante toda a noite, e quando amanheceu, inda o vento soprava forte do SO.

Escusado será dizer, que nenhum de nós pregou olho.

O estrondo das ondas batendo contra os rochedos; a chuva de pedra que se precipitava das alturas; os rumores temerosos como se fossem vozes humanas, vindas dos montes, eram o sufficiente para afastar o somno ao homem mais valente.

Demais a mais preocupados como estavamos com a sorte do barco.

Onde estaria? Quando o tornaríamos a vêr?

Milhares de vezes fizemos estas perguntas uns aos outros, quando o vento assobiava estrepitosamente, o céu parecia abrir-se, para

vomitarem milhares de raios e os golpes do mar elevavam a espuma até ás alturas e a arrojava contra a nossa cara!

Que teria acontecido ao barco no meio d'aquella tormenta? Jacob era bom marinheiro, ninguém o podia contestar.

Ter-se-ia feito ao largo para evitar os perigos da costa, ou andaria perto d'esta, afim de nos poder socorrer em caso extremo.

Se comprehendeu bem que a segurança do *Cruzeiro do Sul*, exigia mar aberto, tornal-o-íamos a vêr no dia seguinte, mas de qualquer maneira que se tivesse passado, era caso para estar receoso pelo acontecido, porque se o vapor partisse, só podíamos confiar em Deus para nos amparar na ilha de Ken.

O velho francez foi o primeiro que se poz em movimento logo que amanheceu, e, ainda bem não se tinham illuminado com a luz d'alva, os pontos mais altos da ilha, que n'este momento apresentava um aspecto deslumbrante, e já elle collocava a escada e nos indicava o caminho do cume da montanha.

— Fazei os signaes lá de cima — disse elle. — Os marinheiros descem por onde os homens em terra teem medo de descer. Vem o barco e então podeis partir. O velho Clair-de-Lune bem sabe. Ah! messieurs, o vento está terrível hoje. E' o que vós chamais furacão. Qualquer outro dia teria sido facil, mas hoje não; muita marezia, muito mar; tudo branco... impossivel irem-se...

Era uma maneira extraordinaria de se exprimir, e talvez nos rissemos d'elle se nos não lembrassemos que nos havia salvo a vida, na noite anterior, e que parecia disposto a salvar-no-la outra vez. Não se ri de quem nos salva, fale lá de que maneira falar. E demais, como já disse, estavamos tão preocupados, que não nos lembrou tal coisa.

O que fizemos foi galgar a escada e sair d'aquella poço o mais breve possível, seguindo o francez até ás alturas, para saber quanto antes a sorte que nos aguardava.

Do perigo anterior a que tinhamos escapado, já não nos importava nada. As rochas elevavam-se em volta de nós tapando-nos a vista do horisonte como se estivessemos dentro de uma enorme caldeira. Viamos o céu, quasi negro, lá no alto, e abysmos insondaveis a nossos pés; mas o mar é que se não avistava.

Imagine-se pois, com que rapidez caminharíamos para chegar ao cimo do monte; umas vezes de pé, outras trepando de pés e mãos como macacos, ora dando pressa uns aos outros, ora reflexionando que nada ganharíamos com isso. Assim, não é para extranhar quanto nos bateria o coração, quando finalmente alcançamos os rebordos d'aquella caldeira, ou por outra, o pincaro da montanha d'onde podíamos divisar o mar e vêr se o *Cruzeiro do Sul* estava ou não ali.

Clair-de-Lune foi o primeiro a chegar; logo atraz d'elle, quasi a pisar-lhe os calcanhares, eu, e depois Dolly Venn.

Quem soltou a primeira exclamação, é coisa que não me recordo. Mas não teriam passado talvez dois segundos depois da chegada, e já sabia o motivo porque a soltávam.

O barco havia desaparecido!

A vista mais penetrante não seria capaz de o descobrir no alvoraçado mar que se estendia a nossos pés, nem no extenso e negro horisonte.

Nada!

A noite tinha-o tragado.

Quaesquer que fossem as nossas esperanças, tinhamos que affrontar esta certeza horrível, de que o *Cruzeiro do Sul* tinha deixado a ilha de Ken, e nos havia abandonado á sorte.

— Talvez se fizessem ao largo para manobrar melhor e voltem em passando a tempestade — disse Peter Bligh depois de sismar um bocado e quando estavamos pegados uns aos outros, cabibaxos. — Confie em Mr. Jacob, capitão; é um homem cauto e entendido. E' escossez e primeiro terá pensado no barco de que em nós outros. Como se servisse de muito salvar as economias e perdê-las ao desembarcar em terra, ou ir com ellas para o fundo do mar.

(Continúa.)

RICARDO DE SOUZA.



Da Praia ao Monte, por J. J. Abreu, Parahyba, Estabelecimento Grafico *Torre Eiffel*, 1909. Um volume de 96 paginas de boa impressão em magnifico papel.

Lêem-se neste livro paginas de versos inspirados na crença e fé cristã, com que o poeta eleva sua alma a Deus:

«Deus Eterno, ó Deus, Ser e Portento.
De tudo que se vê e surprehendo;
Dizei, Senhor, quem é que comprehende
Vossa Luz, vosso amor e vosso intento?»

Sim, a extrema Grandeza e Julgamento
Sente no progredir alma que ascende,
Espírito immortal que aos Céus se rende,
E, crente em Vós, espera esse momento!

Não é dado a mortal comprehender
Como foste (que sois, não mudareis!)
Nem a vossa Immanencia perceber.

Sem começo, nem fim, alto Saber,
A Fé me diz que assim sempre sereis!
E Força Universal, Summo Poder!»

O sr. J. J. Abreu acompanha com a sua lira, a vida de Jesus na terra até á formidanda tragedia do Golgota a que dedica versos assim:

«Canto meu, meu Ideal,
A' mais tragica Agonia,
Talvez á mente inspirada
D'algum Ente sublimado,
Que me foi estro e phanal,
Finda aqui n'esta Elegia!»

E ao Infinito profundo,
A tão agros soffrimentos,
Subam, d'aqui d'este mundo,
Meus cuidadosos pensamentos!...

Por fim o poeta lamenta a descrença que lavra na humanidade, que tão mal comprehende o imsuravel sacrificio do seu redentor, clamando para que domine na terra o grande amor do bem, da caridade.

Ha neste livro versos de verdadeira inspiração, revela-lores de uma alma boa e crente.

Daqui agradecemos ao sr. Antonio de Azevedo Maia, o delicado oferecimento deste livro que nos enviou de Parahyba do Norte.



Diversões de verão

DESPORTE

Corridas de natção e o Ateneu Comercial de Lisboa

Regatas e exercicios de natção são proprios do tempo e uma das diversões de desporto, que mais está no espirito dos portuguezes a quem o mar seduz, como, em tempos que lá vão, fez suas glorias imorredouras.

Em Aveiro, nos fins de agosto, o *Club Mario*

Duarte organizou umas corridas de natação que despertaram grande interesse e a que concorreram varios amadores e profissionais.

Realisaram-se seis corridas, despertando maior entusiasmo as do Campeonato de Portugal, de 100 metros de percurso, sendo vivamente disputado o premio da Taça Aveiro, oferecida por Sua Magestade El-Rei D. Manuel, a qual foi ganha pelo sr. Carlos Sobral, de Lisboa.

No campeonato do distrito de Aveiro, de percurso de 500 metros, ganhou o premio, medalha e salva de prata, o sr. José Guerra, de lhavo. A corrida de 700 metros de percurso, para profissionais, foi briosamente disputada, cabendo o premio, 12\$500 réis, ao sr. Manuel Pinto Vinagre, um arrojado nadador que destramente e com velocidade incomparavel venceu a distancia.

Entre os concorrentes amadores entrou o sr. Francisco da Silva Marçal, distinto *sportsman* que tem alcançado em varios concursos de natação, seu desporte predilcto, as melhores classificações, representando desde 1906 sempre nestes concursos o Atheneu Commercial de Lisboa, de que atualmente é um dos seus directores.

Em 1906 — primeiro campeonato de natação realisado em Portugal, meia milha (Alfeite), campeonato nacional — foi o 3.º classificado. Chegaram: 1.º Rumsey, do Porto; 2.º Monteiro, da Figueira da Foz.

Em 1907 — campeonatos districtaes de Lisboa, 100 e 500 metros — foi o 1.º classificado em ambos.

No desafio entre Lisboa e Porto, fez parte da *equipe* de Lisboa. Campeonato nacional de meia milha em Cascaes, 3.º classificado. Travessia do rio em outubro, desistencia por frio e má disposição depois de ter percorrido tres quartas partes do rio.

A direção do Real Gymnasio quiz entregar lhe o escudo, que o sr. Francisco Marçal recusou



FRANCISCO DA SILVA MARÇAL

Professor de Natação do Atheneu Commercial de Lisboa

devido a ser o unico que se inscreveu. Adiaram a prova que se devia realizar em setembro para outubro com muito mau tempo e frio.

Em 1908 — campeonatos districtaes de Lisboa, 100 e 500 metros — foi o 1.º classificado nos 100 metros e o 2.º nos 500 metros.

Fez parte tambem da *equipe* de Lisboa em desafios com a do Porto.

No campeonato nacional de 100 metros realisado em Aveiro, foi o 4.º classificado.

No campeonato nacional de meia milha realisado em Paço de Arcos, foi o 2.º classificado.

Na travessia do rio, foi o 3.º classificado.

Nesta ultima corrida chegou em terceiro lugar com pequena differença, sem que por isso deixasse de afirmar a destresa e a arte com que tem vencido nos já numerosos desafios acima indicados.

O grupo desportivo do Atheneu Commercial de Lisboa, a quem a causa do desporte em Portugal muito deve, acaba de convidar o seu consocio, o nadador sr. Francisco Marçal, para professor de natação que o dito grupo proporciona aos seus associados, convite que o sr. Francisco Marçal aceitou obsequiosamente.

Como todos sabem o sr. Marçal tem sempre representado o grupo desportivo em todas as provas de natação realisadas em Portugal desde 1906 e em que tem provado sobejamente seus recursos de nadador.

Oxalá não falte a boa vontade naquelles que desejam aprender tão util exercicio, pois que no sr. Francisco Marçal encontrarão sempre um bom mestre. E' mais uma classe que o grupo desportivo do Atheneu Commercial de Lisboa deseja estabelecer e de grande utilidade para os seus consocios, os quaes encontrarão nos dirigentes do mesmo grupo distintos cooperadores como os srs. Francisco Cordeiro, Vasco Ribeiro, Victal e muitos outros, incitamentos que os levarão a não desistirem e a aproveitarem suas lições.

Consultorio Dentario

Do Dr. Ferreira Pires

Diplomado em Philadelphia e Escola Medica de Lisboa

Extração dos dentes sem dor

Dentes artificiaes colocados sem placa

LISBOA — Rua Jardim do Regedor, 43, 1.º — LISBOA

E. Santos & Freire

LISBOA

Camisaria, gravataria, luvaria e perfumarias

Roupas brancas para homens, senhoras e creanças, cama e mesa

Executam-se enxovaes para casamentos, baptisados e collegiaes

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25

Secção especial de commissões, consignações e negócios commerciaes a cargo do sócio Fernando Freire.

20, RUA DO PRINCIPE, 22



Deposito das afamadas rendas de Peniche

ÁGUA DE MESA DIGESTIVA Propriedade das Hortas ALCOCHETE

A agua mais barata que se encontra á venda — Garrações de 5 litros 120 réis

Segundo a opinião de muitos medicos da capital, consideram esta agua magnifica e de efficacia em regularisar as funções do estomago e dos intestinos. Está oficialmente analysada.

DEPOSITO GERAL: Fructaria Internacional, de Antonio Ribeiro Cardoso 6, Rua do Loreto, 8 — LISBOA

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Collegio Francês Instituto primario e secundario

Auctorisado por Alvará Regio de 25 de julho de 1904

Rua de Nossa Senhora do Resgate, 6 (Avenida D. Amelia)

|| LISBOA ||

EDIFICIO PROPRIO E ESPECIALMENTE CONSTRUIDO PARA COLLEGIO

Matricula permanente de alumnos internos, semi-internos e externos, em todas as classes de instrucção primaria, curso dos lyceus, curso pratico do commercio, gymnastica, esgrima, musica, dança, etc.

Achando-se este instituto installado em edificio, que foi propositadamente construido para collegio, as suas condições satisfazem todas as exigencias da pedagogia e hygiene moderna. Dispõe de vastissimas aulas, amplos e arejados dormitorios, magnifico refeitório, casa de banho com todas as comodidades e um excelente parque para recreio dos alumnos.

O corpo docente é composto dos mais auctorisados professores e os magnificos resultados dos exames, todos os annos são a mais segura garantia da nossa solicitude e escrupulo na escolha do professorado.

Enviem-se pelo correio prospectos do collegio, regulamentos e tabella das refeições.

O director e proprietario — ALFREDO DA COSTA E SILVA (Nomeado director por Alvará de 28 de dezembro de 1903)